

A redução da taxa da dívida: ruim para nossos bancos.

A redução da taxa que o Brasil paga sobre sua dívida, uma vitória obtida nas longas e duras negociações com os credores, "poderá tornar-se uma sentença de morte para alguns bancos brasileiros", como advertiu, ontem, ao *Jornal da Tarde*, em Nova York, uma fonte da área bancária.

O Banco do Brasil, o Bradesco, o Banco Real, o Banespa e o Banerj pagam às suas filiais de Nova York, pela captação de dinheiro, um spread de 2,25% (spread é a margem acima da li-

bor, a taxa que os bancos se cobram pelos fundos retirados do mercado londrino). E as 15 agências brasileiras, nos Estados Unidos, pagam pelo dinheiro até 1,5% no máximo. Há uma diferença, assim, de 0,75% a favor, hoje em dia, e isso significa um grande lucro. Mas logo essa diferença será negativa, 0,5%.

"Se falarmos, por exemplo, de US\$ 28 bilhões (que é uma estimativa da fatia desses cinco bancos brasileiros nos US\$ 70 bilhões da dívida aos bancos internacionais), o lucro será de US\$ 150 milhões.

Se o spread baixar para meio por cento negativo, como se espera, eles passarão a ter um prejuízo de US\$ 100 milhões, gradativamente. Isto significa uma diferença, de uma porção para outra, de US\$ 250 milhões" — como explicou um especialista em operações bancárias internacionais.

Os bancos brasileiros, que admitem recursos repassados para suas matrizess e empresas privadas, poderão conseguir, numa negociação caso a caso, baixar seu spread para 1 e 1/4, ou 1 e 1/8, "mas nunca para 13/16, ou 0,8125%

que é o spread fixado para o pacote de médio prazo", acrescenta a mesma fonte.

A conclusão de que "o que é bom para o Brasil talvez não seja bom para as agências de bancos brasileiros no Exterior" seria reconhecida pelo diretor da área de Dívida Externa do Banco Central, Antônio de Padua Settas, que já admitiu, a um banqueiro de Nova York, segundo se soube, que "uma solução terá que ser encontrada".

(M.R.)